

ONDAS PARANÓICAS: A LOUCURA ESTÁ NO AR!

Sandra Sueli Garcia de Sousa

Jornalista pela Universidade Federal do Pará – UFPA, mestre pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, professora da Universidade Anhembi-Morumbi – UAM.

RESUMO

Ondas Paranóicas é uma oficina de rádio coordenada pelo psicólogo Edson Fragoaz e pela psicopedagoga Grácia Lopes Lima. Entre 1995 e 1997 foi um programa radiofônico veiculado pela emissora comunitária Rádio Cidadã, localizada no bairro do Butantã em São Paulo/SP. Em 2002, o grupo produziu uma radionovela e trabalhou também outros formatos radiofônicos. A experiência do Ondas Paranóicas prova ser possível o exercício da cidadania, mesmo para aqueles que, *a priori*, estejam completamente alienados dessa vivência. Neste artigo, apresentamos a experiência do programa/oficina, mostrando o rádio como um canal ideal de expressão dos excluídos.

Palavras-chave: rádio comunitária, liberdade de expressão, cidadania.

ABSTRACT

Ondas Paranóicas is a workshop of radio coordinated for psychologist Edson Fragoaz and psicopedagoga Grácia Lopes Lima. It was a radiofonic program between 1995 and 1997 showed by the communitarian radio Radio Cidadã from the Butantã – São Paulo/SP. The group Ondas Paranóicas have produced one soap opera and had also worked other radiofonics formats in 2002. The experience of the Ondas Paranóicas proves to be possible the exercise of the citizenship for who *a priori* is completely mentally ill. In this article, we show the experience of the program/workshop presenting the radio as an ideal canal of expression of the excluded ones.

Keywords: communitarian radio, freedom of expression, citizenship.

*“Dizem que sou louco
por pensar assim
se eu sou muito louco
por eu ser feliz
mais louco é quem me diz
e não é feliz
não é feliz”...*

NO AR

Rádio Cidadã

Edição 03/12/96

Programa Ondas Paranóicas

TEC: Roda música 1 e vai a BG

LOC1: São exatamente onze horas da manhã e cinco minutos, vinte segundos. Bom dia ouvintes de São Paulo, Zona Oeste, todo Brasil. É com muita satisfação que estamos iniciando agora o terceiro programa: Oooondas Paranóooooicas. Aqui na Rádio Cidadã, 98,1 FM, a direção e produção é de Edson Fragoaz e Grácia Lopes Lima. Além de mim, Nanato Santos, estão no estúdio meus colegas Carlos Augusto... O que você reservou para o programa de hoje Carlos Augusto?

TEC: Música sobe e vai a BG

LOC2: Preparei um monte de coisas: entrevistas e muita música que vai... rolar...

TEC: Música sobe e vai a BG

LOC1: Então, esse é o repórter especial do Ondas Paranóicas, Carlos Augusto. E aí, Luiz Carlos, o que você preparou para hoje também?

TEC: Música sobe e vai a BG

LOC3: É, eu fiz quatro músicas e compus, fiz poesias.

TEC: Música sobe e vai a BG

LOC1: Wagner, o que você também preparou de surpresa?

LOC4: A surpresa pra mim foi a honra que me deu o Ondas Paranóicas de poder conversar com essa gente, é uma moçada simpática aqui, que tá batalhando por uma vida melhor pelos doentes mentais, não é verdade? E eu acho que o Congresso de Psiquiatria, mudando de leão para leoa, devia ter mais vezes por ano, que sempre sobra uma coisa melhor para os doentes mentais, que somos nós, certo? Os pirados, certo? Agora eu acho o seguinte: é uma honra, vou repetir de novo, tá aqui no Ondas Paranóicas falando com essa gente simpática e inteligente aí, que tá se interessando pelo nosso problema, não é verdade? (...)

TEC: Música sobe e vai a BG

LOC1: E aí, Mário Tullerman, o que preparou para hoje no Ondas Paranóicas?

LOC5: Eu vou falar sobre a luta antimanicomial. Eu descobri um novo espaço, uma nova forma de vida para saúde, sabe? Descobri um novo espaço...

TEC: Música sobe e vai a BG

LOC1: É isso aí, Tullerman. E você, Gerson da Costa, o que você preparou hoje?

LOC6: Eu vou falar de uma das oficinas, lá no Caps.

TEC: Música sobe e vai a BG

LOC1: É isso aí. Ligue. Participe. Dê sua opinião. O telefone da Rádio Cidadã é 268-3302. Preparamos para hoje entrevistas especiais, músicas muito legais, comentários e poesias. Esperamos que vocês gostem. O telefone RC já está funcionando. Ligue. Participe, não deixe para última hora. O telefone RC é 268-3302. Pra começar o programa de hoje, vamos começar o ouvindo...

*...“Se eles são bonitos
sou Alain Delon
se eles são famosos
sou Napoleão
mais louco é quem me diz
e não é feliz
não é feliz”...*

E assim o programa começa. Nanato Santos é o principal locutor e chama seus colegas de apresentação do Ondas Paranóicas um a um. Eles todos são doentes mentais que descobriram no rádio uma nova forma de comunicação com as pessoas. Através do rádio, eles saem da condição de renegados e passam a interagir com o mundo. O local onde ocorre essa nova forma de estar no mundo é uma rádio comunitária, a Rádio Cidadã,¹ na Zona Oeste da cidade de São Paulo, Jardim Bonfiglioli, região do bairro do Butantã.

O presente artigo tem como objetivo apresentar a experiência do rádio, como um canal de expressão dos excluídos, por meio do formato “rádio comunitárias”. Para isso, usamos uma pesquisa bibliográfica e documental (conteúdo de programa radiofônico), além da experiência vivida pelos envolvidos com o projeto Ondas Paranóicas (oficina e programa). A experiência do Ondas Paranóicas prova ser possível o exercício da cidadania, mesmo para aqueles que, *a priori*, estejam completamente alienados dessa vivência.

O programa Ondas paranóicas é um programa especial e, por isso, não tem regularidade para ir ao ar. É um programa feito pelos doentes mentais da Associação Franco Basaglia, uma organização não-governamental que funciona no Centro de Apoio Psicossocial (Caps), órgão pertencente ao Estado. A principal preocupação é tirar o doente mental da condição marginal (no sentido de estar à margem de tudo e de todos) e, para alcançar este intento, são realizados inúmeros trabalhos aproximando os participantes da sociedade através da arte, principalmente.

Ondas Paranóicas, nome sugerido pelos próprios doentes, trata de vários assuntos: política, música, poesia, saúde mental, entrevistas gravadas e conversas com ouvintes. A pretensão é testar as possibilidades do rádio, dando espaço a quem nunca usufruiu dele. Os participantes têm a oportunidade de mostrar seus talentos: declamam suas poesias, tocam músicas, falam de seus interesses, fazem reportagens, falam de suas vidas.

Segundo o site do grupo (www.portalgens.com.br), os objetivos da experiência são:

- Participar da elaboração de projetos coletivos;
- Elaborar roteiros de programas;
- Estabelecer diálogo entre o próprio grupo;
- Estabelecer comunicação com os ouvintes;
- Aperfeiçoar a expressão oral, no tocante à objetividade e clareza na exposição do pensamento;
- Produzir programas que discutam temas variados, em especial as questões relacionadas à área da saúde mental;
- Elaborar e realizar entrevistas;
- Utilizar a linguagem radiofônica para a sua inserção nos meios de comunicação social.

Durante as falas dos apresentadores, procura-se uma linguagem que seja compreensível ao ouvinte, mas, por vezes, há falhas nessa busca. Silêncios traiçoeiros, que logo são quebrados ao comando de Nanato Santos, o mais falante de todos e o principal locutor do pro-

grama. Eles falam sem qualquer censura, numa ordem pré-estabelecida. Falam de suas experiências, de suas transformações e de seus sonhos e desejos. Agradeçam muito o fato de uma rádio abrir espaço para o Ondas Paranóicas.

Mas, até que o programa se torne “programa”, há um percurso a ser cumprido: todos precisaram passar pela oficina que deu origem ao Ondas Paranóicas. Uma oficina lúdica e terapêutica, produzida na Associação Franco Basaglia, que deu forma ao programa: dois meses de estudos e prática sob a coordenação do psicólogo Edson Fragoaz e da psicopedagoga Grácia Lopes Lima. O grupo da oficina, inicialmente composto por dez usuários do Caps, aprendia a fazer pautas e a apresentar um programa. Após esse aprendizado, ficaram aptos a ir para a emissora e fazer o Ondas Paranóicas ao vivo, com uma hora de duração.

Durante a atividade na Rádio Cidadã, foram ao ar três programas. Segundo Grácia, a função do Ondas Paranóicas é terapêutica e comprovadamente eficaz. Ela conta o caso de uma paciente que, durante uma das oficinas, estava muito agitada e queria saltar de um muro próximo. O psicólogo Edson Fragoaz, sabendo que a paciente gostava de cantar, pegou um gravador e chamou-a para interpretar canções, pois sua performance seria colocada no programa. “Ela ocupou-se em gravar a música e se esqueceu que queria saltar”,² conta Grácia, explicando que toda a equipe vai à emissora nos dias de programa, o que deixa os participantes mais motivados e ocupados.

...“Eu juro que é melhor não ser um normal se eu posso pensar que Deus sou eu”...

¹ A Rádio Cidadã funcionou regularmente entre julho de 1995 e julho de 1997, quando foi apreendida pela Polícia Federal. O programa Ondas Paranóicas, no entanto, continua com suas experiências na sede da ONG Cala Boca Já Morreu.

² Depoimento dado à autora, em maio de 1997.

AS RÁDIOS COMUNITÁRIAS: BREVE INTRODUÇÃO

A utilização do rádio para dar voz a amplas camadas da população que não conseguem exercer sua liberdade de expressão, um dos direitos inalienáveis do ser humano, já vem de longa data.

Numa rápida retrospectiva, encontramos na Europa da década de 1950, as famosas rádios piratas, transmitindo de barcos e porões. Eram, desde empresários tentando impor seus produtos através da publicidade, até minorias de tendências ecológicas, além de programas musicais, contra-culturais, esotéricos, testando seu próprio meio de expressão (Caparelli, 1986, p. 50). Durante a emissão radiofônica, costumava-se erguer uma bandeira negra como faziam os piratas do mar, daí a origem do nome “rádio pirata”. Essas emissoras logo alcançaram grande sucesso entre o público inglês, o que forçou a British Broadcasting Corporation – BBC a alterar a sua programação, abrindo espaço às minorias.

Ainda na Europa, ficaram famosas as rádios livres francesas e italianas. Elas podem ser consideradas como um dos frutos amadurecidos do Maio de 68, movimento contestatório dos estudantes e operários franceses, logo espalhado por toda a Europa, que lançou as sementes para o surgimento das primeiras rádios livres.

Seria na década de 1970 que as rádios livres teriam seu melhor momento, colocando em xeque o conteúdo das rádios oficiais e conseguindo dar voz a vários setores sociais, que até então não possuíam um canal legítimo de expressão. Segundo Felix Guattari (1986, p. 12):

“...as rádios livres representam, antes de qualquer outra coisa, uma utopia concreta, suscetível de ajudar os movimentos de

emancipação desses países a se reinventarem. Trata-se de um instrumento de experimentação de novas modalidades de democracia, uma democracia que seja capaz não apenas de tolerar a expressão das singularidades sociais e individuais, mas também de encorajar sua expressão, de lhes dar a devida importância no campo social global”.

O movimento de rádios livres européias tem entre suas preocupações fundamentais dar voz a todos aqueles que não podem se expressar nos grandes meios de comunicação. A intenção é fazer com que o rádio seja um canal democrático de comunicação, no qual esta se realize num processo dialógico, numa profunda interação com o ouvinte, que deixa de ser um consumidor passivo, para participar de forma ativa da troca de informações.

Na Itália, por exemplo, isso se deu na prática, através do uso do telefone, conforme atesta Umberto Eco (1981, p. 214):

“As rádios independentes têm lançado a figura do correspondente com fichas telefônicas. É uma pessoa qualquer, informalmente vinculada à rádio, que entra em um bar, pede dez fichas e informa direto à rádio o que está vendo”.

Além do telefone, essas emissoras também abriam literalmente suas portas para receber quem se dispusesse a dar, ao vivo, um depoimento e veiculavam fitas gravadas pelos ouvintes.

De acordo com Umberto Eco (1981, p. 220):

“As emissoras independentes têm substituído o italiano uniforme da rádio estatal pelos acentos locais. Os ouvintes estão surpresos. Locutores que falam do mesmo modo que os habitantes de seu povo ou de

sua cidade destroem a sensação de que a rádio é uma espécie de voz oficial... Os acontecimentos são descritos por quem acaba de vivê-los... O ouvinte tem a sensação clara de que alguém chegou correndo no estúdio da emissora para relatar o que acaba de ver. Existe a impressão de uma falta total de censura, impressão porque esse tipo de colaboração depende da orientação ideológica da emissora”.

Já na França, Felix Guattari (1986, p. 30) conta que a Rádio Tomate, rádio livre parisiense, às vezes era invadida por habitantes do bairro ou por bandos de desempregados ou por hostes de mendigos, que pediam a palavra para fazer o *Quartier Latin* ouvir a sua voz. E muitas outras rádios da época utilizavam-se do mesmo artifício.

Segundo Arlindo Machado et alii (1986, p. 30):

“Se um adolescente quisesse relatar uma experiência sexual que acabou de viver, ele se dirigia à Rádio Tomate, por exemplo, e falava sem entraves; se um roqueiro quisesse mostrar um disco pirata que acabou de descolar ou então a fita de sua banda, poderia se dirigir à Rádio Oblíqua; um homossexual discriminado por sua opção sexual poderia entrar no ar pela Rádio Gay e fazer a denúncia; um cidadão que quisesse reclamar da falta de água ou de um esgoto entupido em sua rua, usaria a rádio livre de seu bairro. Ou qualquer outra, porque os papéis de cada rádio não eram tão precisos”.

AS RÁDIOS LIVRES E COMUNITÁRIAS NO BRASIL

As rádios livres começaram a surgir espaçadamente no Brasil em experiências isoladas. Na década de 1980, essas emissoras proliferaram-se principalmente em São

Paulo e conseguiram atrair a atenção para a causa da democratização da comunicação. Assumiram um viés de denúncia contra a Lei de Radiodifusão, a mesma desde 1967, e lançaram no ar a possibilidade de um veículo de expressão próprio. Há quatro momentos distintos em sua história (Sousa, 1997, p. 49).

Na primeira fase, as rádios não-oficiais são colocadas no ar quase por ingenuidade – os organizadores da experiência nem sabiam da ilegalidade do ato. Depois, elas surgem em Sorocaba, interior do estado de São Paulo, como experimento de jovens da área eletrônica com caráter de *hobby*. O terceiro momento é mais politizado e marca o surgimento das rádios livres, que têm como pressuposto básico democratizar o acesso a antenas. Citamos a Rádio Xilik, uma rádio muito mais lida do que ouvida, segundo seus organizadores, devido à grande quantidade de matérias na imprensa sobre a emissora; e a Estação Apache, emissora da cidade de Poá, Grande São Paulo, que funcionava utilizando os princípios da autogestão. Paralelamente às rádios livres, começam a surgir as emissoras de tendência religiosa. Por fim, no quarto momento, que presenciamos hoje, temos as rádios comunitárias que estão em cena com regulamentação oficial, mas poucas autorizadas a funcionar legalmente.

As rádios comunitárias (e, num determinado momento, também as rádios livres) têm um formato semelhante ao do rádio brasileiro da década de 1920: as emissoras comunitárias possuem entre seus ideais propagar a cultura, o lazer e a educação. Nasceram também no formato de associações e são mantidas com contribuições e apoios culturais. Além disso, é comum na rádio comunitária o apresentador de um programa ser a mesma pessoa que vai atrás de apoios cultu-

rais e representa, ao mesmo tempo, o contato comercial, o produtor, o redator e o locutor.

Uma rádio de caráter comunitário pertence a uma associação sem fins lucrativos, cuja preocupação fundamental é ceder espaço para a expressão de vários setores de uma determinada comunidade. A gerência da emissora fica a cargo dessa associação, que precisa ser pluralista. Assim, fazem parte a dona-de-casa, o jovem, o comerciante, o padre, o pastor, a mãe-de-santo, o estudante, o trabalhador, o vereador da região, a oposição política, o aposentado, o professor e quem mais vier para colaborar. É a partir desse mosaico que a voz da comunidade vai se delineando na emissora, sem discriminações e com espaço para todos. Outra característica da rádio comunitária é o seu alcance, que precisa ser mínimo – 25 watts foi a potência estipulada para a regulamentação federal, bastante criticada por quem faz rádio comunitária, pois, devido às condições topográficas de cada região, essa potência pode representar um alcance mínimo da emissora no bairro.

A maior importância das rádios comunitárias é o seu papel social, enquanto porta-vozes de uma (grande) parcela da população, que não tem um canal de comunicação próprio. Essas emissoras representam, assim, a voz da comunidade fazendo-se ouvir, procurando uma resolução para os seus problemas, com vistas a um avanço social.

É nesse contexto que, em julho de 1995, surge a Rádio Cidadã, uma rádio comunitária localizada no Jardim Bonfiglioli, bairro do Butantã, Zona Oeste da cidade de São Paulo. Essa emissora foi criada com o objetivo de desenvolver um trabalho voltado à comunidade da região em que funciona. Para isso, tentou encontrar, em seus dois anos de funcionamento, uma maneira de integrar os moradores de diferentes classes sociais exis-

tentes na região e tornar-se um veículo de expressão de todo o bairro e não apenas de determinado grupo.

Depois de algumas fases mais individualistas, a Rádio Cidadã consegue estabelecer um perfil comunitário e passa a aglutinar diferentes grupos sociais na sua grade de programação. Os programas prezavam pela qualidade do que ia ao ar: havia entrevistas com especialistas de várias áreas, como saúde, política, cultura, educação etc. Ainda assim, predominavam os programas musicais. Havia na emissora 26 programas, divididos em 17 ou 24 horas diárias de programação. Do total exposto, 18 programas de tendência musical; os outros oito possuíam temáticas diversas, entre as quais, reclamações da comunidade, crianças, adolescentes, religião e entrevistas.

*...“Se eles têm três carros
eu posso voar
se eles rezam muito
eu já estou no céu
Mais louco é quem me diz
que não é feliz
não é feliz.
Eu juro que é melhor
não ser um normal
se eu posso pensar
que Deus sou eu”...*

INSERÇÃO COMUNITÁRIA DO RÁDIO

Falar em rádio comunitária é falar em “comunicação popular” e “comunicação alternativa”. Mas existem outras denominações para designar o tipo de atuação da comunicação que pretende ser um canal diferenciador de informações veiculadas pela mídia. Analisando o assunto, Regina Festa (1984, pp. 174-75) encontrou 33 termos para denominar uma comunicação com vistas à transformação social, contando com a participação de vários setores sociais, entre os quais estão a comunicação popular, a participativa, a contestatória, a

marginal, a comunitária, a emergente e a de resistência, todas primando pela análise crítica da realidade, procurando mudanças estruturais a partir de uma interação entre emissores e receptores, os quais, num processo participativo, trocam constantemente de papel. Por isso, as diferenças entre essas várias comunicações são tênues e difíceis de ser diagnosticadas.

No entanto, em relação à comunicação alternativa e à comunicação popular, podemos ver a seguinte diferença: enquanto a alternativa não precisa necessariamente contar com a participação de diversos setores sociais na sua formulação, para que apresente um discurso diferenciado, a popular prevê uma comunicação que conta essencialmente com a participação de todos e nesse caso há ênfase na representatividade, ou seja, é importante a participação de vários setores da sociedade na formulação de seu discurso.

Segundo Robert White (apud Puntel 1994, pp. 194-95), a comunicação popular não é um tipo qualquer de mídia; surge sim “dentro de um movimento de base: grupos de camponeses ou trabalhadores falam entre si ou a outros grupos similares”. A partir dessa interação, pode ocorrer o uso de um ou de vários tipos de mídia, que passam a ser um instrumento de comunicação do grupo.

Para Cílicia Peruzzo (1995, p. 29), a comunicação popular está vinculada às práticas dos movimentos coletivos, possui um conteúdo diferente dos meios de comunicação de massa, sendo “um grito antes sufocado de denúncia e reivindicação por transformações”. Fazem parte dessa comunicação, segundo a autora, os pequenos jornais, boletins, rádios populares, teatro, folhetos, vídeos, faixas, cartazes etc. Acrescentamos a essa lista, as rádios comunitárias, um dos novos instrumentos de comunicação popular ou comunitária.³

As rádios comunitárias, como já dissemos, são dirigidas aos interesses da comunidade, entendida como interação e ação de pessoas num determinado local limitado geograficamente. Assim, um dos meios de realizar essa interação é a utilização de emissoras comunitárias, as quais são feitas *pela* comunidade e *para* ela, servindo de instrumentos que possibilitem a ação em busca de melhorias sociais. Essa prática implica que haja *participação* no meio, e para isso é necessário que haja *acesso*, e num nível mais elevado, *gestão* conjunta nesse meio.

NÍVEIS E MODALIDADES DE PARTICIPAÇÃO

É comum muitas rádios ilegais se auto-intitularem comunitárias por terem a comunidade participando da programação da emissora. Mas esse “participar” se restringe a telefonemas para pedir músicas, para mandar recados ou para conversar com os apresentadores.

Acredita-se, assim, que o simples fato de o ouvinte ligar para pedir música e ser atendido imprime à emissora o caráter de comunitária. Mas não se pode restringir o significado da rádio comunitária adotando apenas esse critério de participação. É preciso ir além, procurando aumentar os níveis na qualidade participativa da comunicação.

Estudando as principais formas de participação na comunicação comunitária, Cílicia Peruzzo (1995, pp. 147-148) apresenta seis níveis de participação popular ampliada, a partir da divisão proposta por Jorge Merino Utreras, e divide em três as modalidades participativas:

- **Nível das mensagens:** divulgação de entrevistas, depoimentos, denúncias, avisos, pedidos de músicas, sugestões, concursos etc.

- **Nível da produção de mensagens:** elaboração sistemática, periódica ou ocasional de notícias, desenhos, poesias etc., os quais são transmitidos pelo meio de comunicação. Implica acesso a conhecimentos técnicos.
- **Nível da produção de programas, de boletins informativos etc.:** participação no processo de planejamento, de produção e edição. Implica conhecimentos e recursos técnicos e participação das tomadas de decisões.
- **Nível do planejamento global do meio de comunicação:** compreende a participação popular na definição da política editorial, da estrutura de programação global, dos objetivos, das formas de sustentação financeira, dos princípios de gestão etc. Implica participação das tomadas de decisões.
- **Nível da gestão global do meio de comunicação:** compreende a participação popular no processo de administração e controle do veículo ou instituição de comunicação como um todo. Implica partilha do exercício do poder.
- **Nível do planejamento global dos meios de comunicação locais, regionais e nacionais:** acesso à definição das políticas e planos globais de comunicação.

A autora lembra que, para esses níveis de participação ampliada ocorrerem, faz-se necessário que os canais de participação sejam “abertos e desobstruídos” e que se incentive e facilite “a participação popular através de uma metodologia que privilegie a par-

³ O termo comunitário é usado aqui como sinônimo de popular.

ticipação enquanto processo que vai crescendo em qualidade participativa". A abordagem de Peruzzo prevê as três modalidades de participação como: não-participação, participação controlada e participação-poder:

- **Não-participação:** trata-se de uma participação passiva; a postura de espectador e de sujeição é explícita; o poder de decisão é delegado a terceiros; a não-participação também pode ser uma forma de protestar contra algo; aqui o exercício do poder é autoritário.
- **Participação controlada:** pode ser **limitada**, realizando-se com ressalvas, e incentivada somente até onde não conflitue com os interesses do poder, e **manipulada**, disfarçadamente, "e visa adaptar as demandas da comunidade aos interesses políticos daqueles que detêm o poder" (Peruzzo, 1995, pp. 152-53), sem que esses interesses políticos sejam explicitados. O exercício do poder apresenta-se como democrático, mas é autoritário, já que mantém as estruturas do poder.
- **Participação-poder:** divide-se em **co-gestão** e **autogestão**. A co-gestão é uma participação ativa, mas limitada em relação ao acesso ao poder e a sua partilha; assim o poder é descentralizado e há delegação de funções; as decisões centrais permanecem sob o poder da cúpula hierárquica, sem alterar a estrutura central de poder; a autogestão é a forma mais avançada de participação-poder. Trata-se de uma par-

ticipação direta das tomadas de decisões, abrangendo todas as esferas da vida econômica, social, cultural, política e jurídica. O exercício do poder é partilhado em ambos os casos e é prevista a representatividade, com mandato temporário e revogável pelos eleitores, eleições democráticas e intercâmbio constante com as bases.

Com esse painel, já sabemos que participar vai além da mera prática de telefonar, pedir música, ser atendido por alguém, como é o caso de algumas rádios comunitárias, que, comumente, restringem a participação do receptor às mensagens e apresentam a modalidade de não-participação como a mais praticada em sua estrutura.

Sendo assim, ir além dessas formas de participação é uma tarefa que se faz necessária, mas, para isso, é imprescindível uma prática educativa em que tanto os emissores quanto os receptores estejam dispostos a pensar nas diferentes maneiras de se conquistar a participação. É claro, que isso só se alcança no processo, ou seja, na medida em que o trabalho se realiza. Além de tudo, as rádios comunitárias têm pouco tempo de existência e faz muito pouco tempo também que se adotaram no país palavras como *cidadania*,⁴ *direito à informação* e *liberdade de expressão*, termos utilizados para defender a prática das rádios comunitárias. Mas como diz Pedro Demo (apud Peruzzo, 1995, p. 158), "(a participação) não é dada, é criada. Não é dádiva, é reivindicação. Não é concessão, é sobrevivência. Participação precisa ser construída, forçada, refeita e recriada".

*... "Sim, sou muito louco
não vou me curar
já não sou o único*

*que encontrou a paz
mais louco é quem me diz
e não é feliz
eu sou feliz".⁵*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Ondas Paranóicas em formato de oficina ou de programa de rádio indica que é possível exercitar a cidadania pelo rádio: um veículo de comunicação que está presente na maioria dos lares brasileiros e que, pela sua configuração (baixo custo, mobilidade e alcance), consegue ser um instrumento eficaz na busca pela liberdade de expressão.

A experiência das rádios livres e comunitárias, por sua vez, merece ser lembrada, pois essas emissoras são os canais certos para que amplos segmentos sociais exerçam sua liberdade de expressão e assim possam contribuir para a melhoria da sociedade.

Dar vez e voz a todos os cidadãos é o ideal cultivado há bastante tempo pelas emissoras verdadeiramente livres e comunitárias. O caminho tem sido traçado todos os dias. Inúmeras experiências, como a do Ondas Paranóicas, são dignas de registro. Neste apanhado, foi nossa intenção apresentar um trabalho realizado junto a doentes mentais, seres humanos comumente isolados do convívio social, que demonstram com o Ondas Paranóicas que é possível estabelecer uma ponte entre o normal e o considerado fora das normas.

O Ondas Paranóicas não mostra doentes mentais falando coisas absurdas. Pelo contrário, mostra pessoas expressando seus problemas, desejos e experiências de vida através da fala; pessoas relatando a vida do doente mental num país que, há bem pouco tempo, isolava cada vez mais esse doente, deixando-o morrer todos os dias em hospitais psiquiátricos.

⁴ A definição de cidadania para Cicilia Peruzzo está baseada "na ação social e política coletiva, na unidade dos cidadãos em torno dos direitos individuais e coletivos". Op cit., 1995, p. 156.

⁵ Canção Balada do louco, publicada no disco *Mutantes e seus cometas no país do Baurets*, gravadora Polydor, 1972.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação de massa sem massa**. São Paulo: Summus, 1986.

ECO, Umberto. **Una nueva era en la libertad de expresión**. In: Bassets, Lluís (ed.). *De las ondas rojas a las radios libres*. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 1981.

FESTA, Regina. **Comunicação popular e alternativa; a realidade e as utopias**. 1984. (Mestrado em Comunicação Social) - UESP. São Bernardo do Campo.

GRINBERG, Maximo Simpson. **Comunicación alternativa: dimensiones, límites, posibilidades**. In: _____ (org.) *Comunicación alternativa y cambio social*. Ciudad del México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1981.

GUATTARI, Felix & ROLNIK, Suely. **Micropolítica; cartografias do desejo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

_____. **Revolução molecular; pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MACHADO, Arlindo; MAGRI, Caio; MASAGÃO, Marcelo. **Rádios livres; a reforma agrária no ar**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ORTRIWANO, Gisela. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

PERUZZO, Círcia. **Comunicação Popular em seus aspectos teóricos**. In: _____ (org.). *Comunicação e culturas populares*. São Paulo: Intercom, 1995.

_____. **Pistas para o estudo e a prática da comunicação comunitária participativa**. In: Peruzzo, Círcia (org.). *Comunicação e culturas populares*. São Paulo: Intercom, 1995.

PUNTEL, Joana. **A igreja e a democratização da comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1994.

SOUSA, Sandra Sueli Garcia de. **Rádios Ilegais: da legitimidade a democratização das práticas**. Mestrado em Comunicação Social - UESP, São Bernardo do Campo-SP, 1997.